



PRODUÇÃO É A MENOR EM 7 ANOS, MAS VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO É O 2º MAIOR DA HISTÓRIA

Dr. Lucilio Rogerio Alves
Professor da Esalq/USP; coordenador Mandioca/Cepea

Fábio Isaias Felipe
Pesquisador Cepea
mancepea@usp.br

A economia brasileira, como um todo, teve pequeno avanço em 2011, mas a produção de fécula de mandioca cedeu pelo segundo ano consecutivo, elevando ainda mais a ociosidade da indústria. Para 2012, com crescimento da renda da população, a demanda por produtos mais elaborados na alimentação pode aumentar, puxando, também, o consumo amidos como matéria-prima industrial. Apesar disso, nos últimos anos, a fécula de mandioca perdeu participação em alguns setores devido, principalmente, à **volatilidade** de seus preços, o **que dificulta a programação dos consumidores**, em relação a produtos substitutos, especialmente amido de milho

Em 2011, tanto a área plantada com mandioca quanto a produtividade agrícola caíram, considerando-se as mesorregiões produtoras acompanhadas pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, em 6 estados. Esse cenário limitou a disponibilidade de matéria-prima às fecularias no correr do ano. Dados do Cepea apontam que a quantidade de mandioca processada pela indústria de fécula foi 0,8% menor em 2011 frente ao total de 2010.

A produção industrial, por sua vez, cedeu de forma ainda mais expressiva, devido ao menor rendimento de amido da matéria-prima. O volume de fécula de mandioca produzido em 2011 foi de 519,1 mil toneladas, 4,2% a menos que em 2010, segundo dados do Cepea. Esta foi a segunda queda consecutiva na produção de fécula de mandioca que teve o menor volume desde 2004 (Figura 1). Estes dados fazem parte da oitava edição do levantamento anual sobre o desempenho do setor feculeiro realizado pelo Cepea em parceria com a Associação Brasileira dos Produtores de Amido de Mandioca (Abam).

As informações contidas neste documento foram obtidas por meio de questionários enviados para as 71 fecularias em atividade no Brasil em 2011 (100% das fecularias do País), com resposta de 87,3% das unidades até março/2012. Para as empresas não respondentes, os dados sobre produção foram estimados com base em informações de recepção, dias trabalhados e rendimento de amido coletados semanalmente pelo Cepea junto a essas empresas.

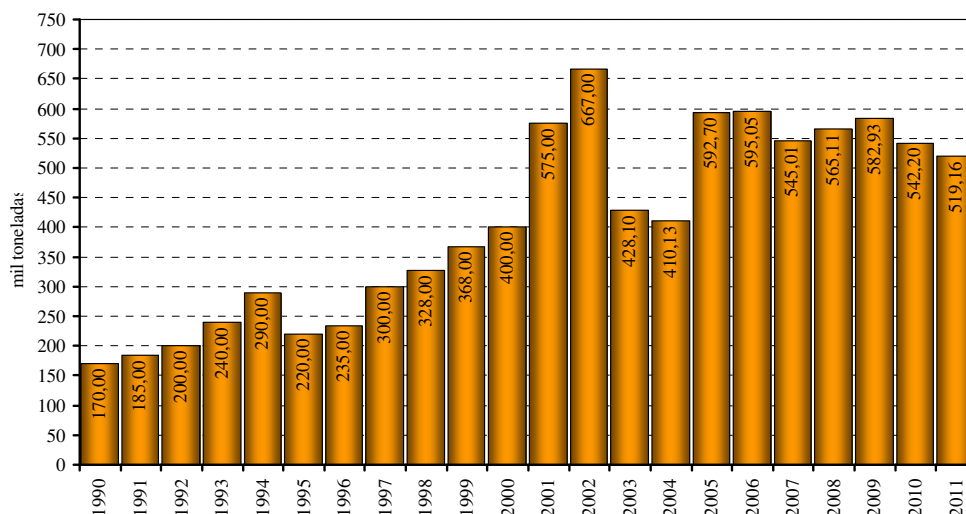


Figura 1. Evolução da produção brasileira de fécula de mandioca entre 1990 e 2011.
Fonte: Abam, de 1990 a 2003; Cepea-Esalq/USP, de 2004 a 2011.

Mesmo com a menor produção no ano passado, as cotações de raiz e fécula de mandioca foram inferiores às de 2011. Isso está atrelado ao fato de muitos consumidores de fécula terem substituído o produto pelo amido de milho. Além disso, alguns segmentos consumidores também tiveram desempenho inferior à média do PIB, reduzindo as aquisições de fécula.

Entre 2009 e 2010, os preços médios anuais da raiz de mandioca tiveram alta média de 50%, em termos reais (deflacionados pelo IGP-DI de março/12). Já de 2010 para 2011, houve queda de 16,3%. O preço médio da fécula de mandioca, que havia subido expressivos 41,6% entre 2009 e 2010, também cedeu 16,8% de 2010 para 2011. Vale ressaltar que, apesar de os preços terem caído, a média ainda foi a segunda maior desde 2004 (Figuras 2 e 3).

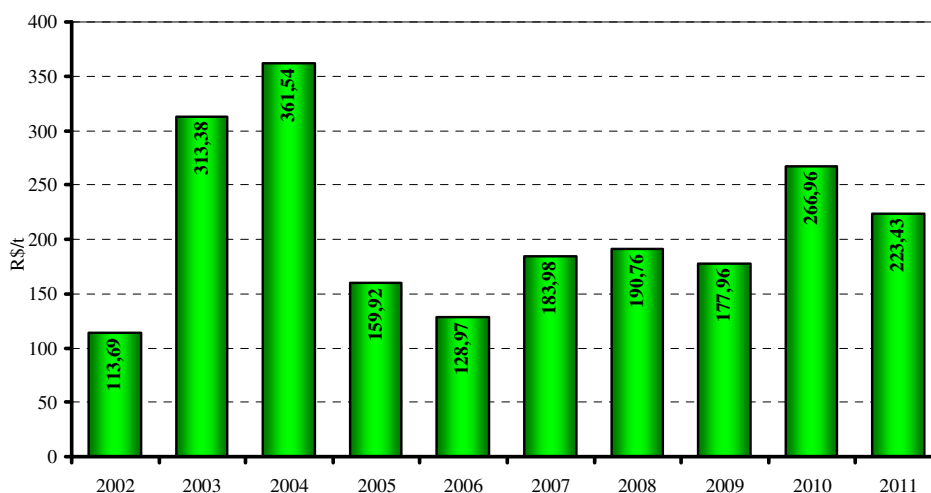


Figura 2. Preços médios reais da raiz de mandioca entre 2002 e 2011 – deflacionados pelo IGP-DI, base março/12.
Fonte: Cepea-Esalq/USP (2012).

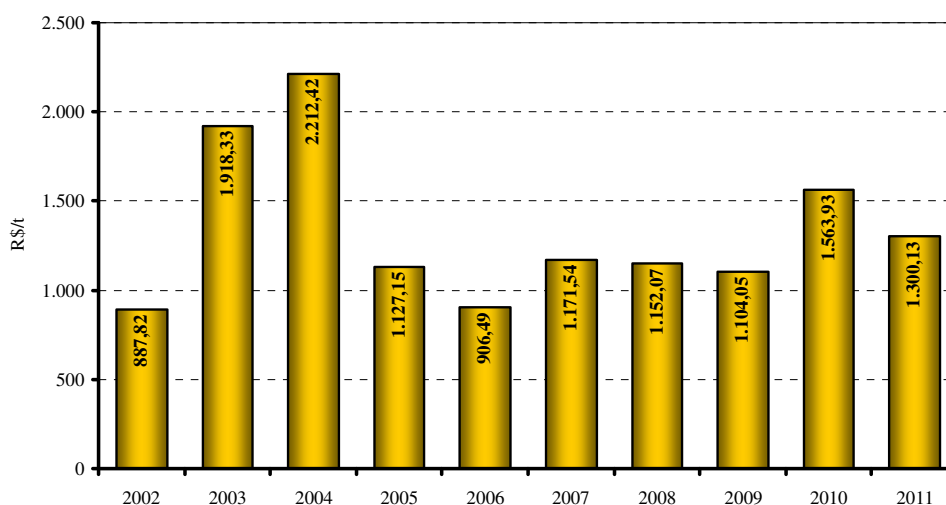


Figura 3. Preços médios reais da fécula de mandioca entre 2002 e 2011 – deflacionados pelo IGP-DI, base março/12.

Fonte: Cepea-Esalq/USP (2012).

O Paraná continuou sendo o principal produtor de fécula de mandioca em 2011 no Brasil, gerando 70,5% do total, participação bem próxima da de 2010. O estado de Mato Grosso do Sul aumentou sua participação para 17,1%, enquanto São Paulo caiu para 10,7%. A participação de Santa Catarina ficou estável, em 1,3% da produção brasileira. Em 2011, também foram coletados dados da produção de fécula no Pará e na Bahia, que representaram 0,3% e 0,2% do total, respectivamente (Tabela 1).

Tabela 1. Produção total e participação dos estados na produção nacional de fécula entre 2009 e 2011.

Estados	2009		2010		2011	
	Produção (mil t)	% do total	Produção (mil t)	% do total	Produção (mil t)	% do total
Paraná	413,21	70,9%	413,21	70,9%	365,98	70,5%
Mato Grosso do Sul	82,45	14,1%	82,45	14,1%	88,53	17,1%
São Paulo	76,27	13,1%	76,27	13,1%	55,38	10,7%
Santa Catarina	6,93	1,2%	6,93	1,2%	6,79	1,3%
Pará	-	-	-	-	1,65	0,3%
Bahia	-	-	-	-	0,80	0,2%
Goiás	5,00	0,9%	5,00	0,9%	0,00	0,0%

Fonte: Cepea-Esalq/USP (2012).

Em termos regionais, o *ranking* do total de fécula produzida em 2011 não foi alterado frente a 2010, apesar das alterações em participação sobre o total. No noroeste do Paraná, a produção de fécula de mandioca diminuiu 12,5% em 2011 e a região passou a representar 39,7% da produção nacional (Tabela 2 e Figura 4). O extremo-oeste foi a única região do Paraná com aumento da produção, passando a responder por 18,3% da produção brasileira em 2011. A região

de Assis (SP) passou a participar com 10,7% da produção nacional, mas ainda sem alcançar a representatividade observada em 2009, que foi de 13,1%.

No litoral sul-catarinense, a produção de fécula de mandioca aumentou significativos 101,2% entre 2010 e 2011, mas a participação da região frente ao total produzido no Brasil ainda é de apenas 1%. O sudeste de Mato Grosso do Sul foi outra região com aumento de produção entre 2010 e 2011 – o acréscimo foi de 18% –, passando a responder por 9,8% do total brasileiro (Tabela 3 e Figura 4).

Tabela 2. Produção total e participação das regiões na produção nacional de fécula entre 2009 e 2011.

Regiões	2009		2010		2011	
	Produção (mil t)	% do total	Produção (mil t)	% do total	Produção (mil t)	% do total
NOP	219,18	37,6%	235,53	43,4%	206,19	39,7%
EOP	113,77	19,5%	89,87	16,6%	95,07	18,3%
COP	79,33	13,6%	78,86	14,5%	64,70	12,5%
ASS	76,27	13,1%	50,73	9,4%	55,39	10,7%
SOM	44,10	7,6%	43,28	8,0%	51,09	9,8%
ESM	38,35	6,6%	37,52	6,9%	37,46	7,2%
LSC	2,98	0,5%	2,60	0,5%	5,23	1,0%
PA	-	-	-	-	1,65	0,3%
AVI	3,95	0,7%	3,26	0,6%	1,58	0,3%
BA	-	-	-	-	0,80	0,2%
GO	5,00	0,9%	0,56	0,1%	0,00	0,0%
Total	582,93	100,0%	542,20	100,0%	519,16	100,0%

Fonte: Cepea-Esalq/USP (2012).

Legenda: LSC: Litoral Sul-Catarinense (região de Capivari de Baixo), EOP: Extremo-Oeste Paranaense (região de Marechal Cândido Rondon), COP: Centro-Oeste Paranaense (região de Araruna), NOP: Noroeste Paranaense (região de Paranavaí), ESM: Extremo-Sul Sul-mato-grossense (região de Naviraí), SOM: Sudeste Sul-mato-grossense (região de Ivinhema), ASI: Assis SP (região de Assis), GO: Goiás, AVI: Alto Vale do Itajaí (região de Rio do Sul), PA: Pará (região de Moju) e BA: Bahia.

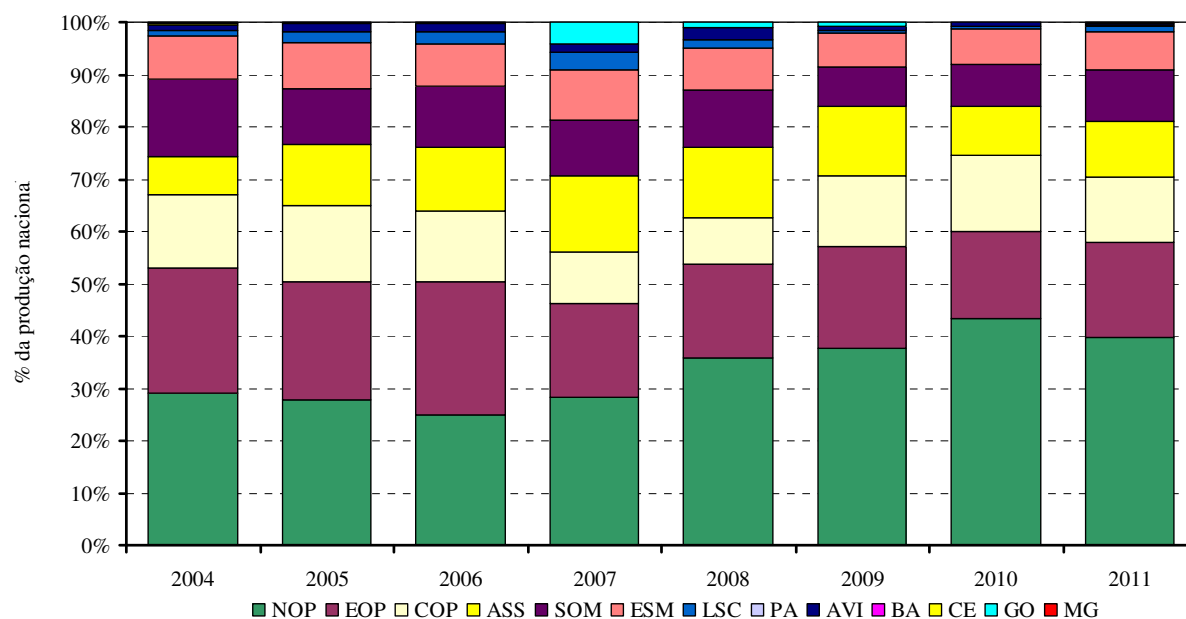


Figura 4. Evolução da participação de cada região na produção nacional de fécula, 2004 e 2011.
 Fonte: Cepea-Esalq/USP (2012).

Em 2011, o valor médio nominal a prazo da fécula de mandioca foi de R\$ 1.267,95/tonelada, 9,8% inferior ao de 2010. Fazendo-se a multiplicação do valor médio pela produção total, chega-se ao faturamento bruto da indústria brasileira de fécula de R\$ 658,26 milhões em 2011, redução de 13,6% sobre o faturamento de 2010 (R\$ 762,18 milhões), que foi o maior da série do Cepea, iniciada em 2004. Assim, ainda que o faturamento da indústria tenha diminuído em 2011, este é o segundo maior da série do Cepea. Analisando-se os mesmos dados, agora em termos reais, tem-se que o faturamento da indústria diminuiu 20,4% entre 2010 e 2011, caracterizando-se como o segundo maior desde 2004 (Figura 5).

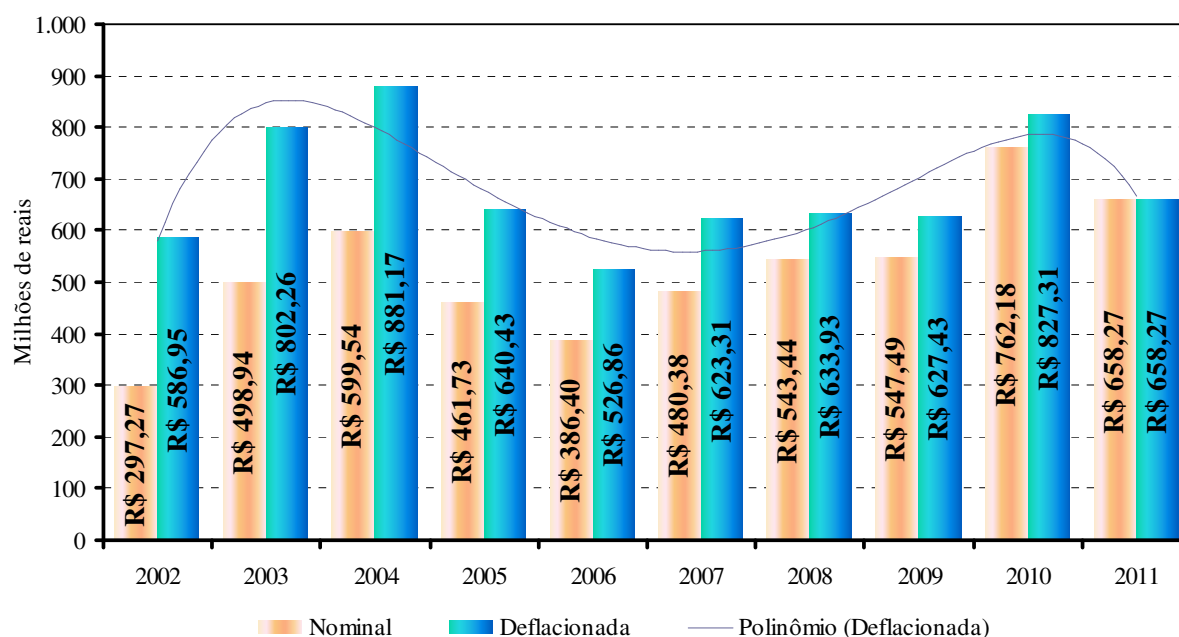


Figura 5. Faturamento nominal da indústria de fécula de mandioca no Brasil entre 2002 e 2011. Fonte: Cepea-Esalq/USP (2012).

Mesmo com os preços da fécula em baixa em 2011, houve poucas alterações no que se refere aos setores consumidores. O setor têxtil foi o que apresentou maior desaquecimento no consumo, representando apenas 1,1% do destino das vendas de fécula, conforme apontaram os questionários. O setor frigorífico, que em 2010 foi destino de 17,3% das vendas de fécula, em 2011 representou 13,1% das vendas totais. Também diminuíram as vendas para a indústria química, entre as próprias indústrias de fécula, ao setor de papel e papelão e também para o setor atacadista. Em contrapartida, houve forte aumento nas vendas para o setor varejista (aproximadamente 195%) e ligeira melhora na demanda do setor de massas, biscoito e panificação.

Apesar de ter perdido participação, o setor atacadista seguiu como principal comprador de fécula de mandioca em 2011 (27,7% das vendas totais), seguido pelo setor de papel e papelão (18,2%), massa, biscoito e panificação (14,8%), frigoríficos (13,1%), varejistas (11,2%), outras fecularias (5,1%), indústria química (2,3%) e têxtil (1,1%). Somados, outros setores foram destino de 5,1% das vendas das fecularias (Tabela 4).

Tabela 3. Setores compradores diretamente das fecularias – evolução em % entre 2007 e 2011.

Setores	2007	2008	2009	2010	2011
Atacadistas	16,6	21,8	19,8	29,4	27,7
Papel e papelão	19,7	23,5	23,8	20,0	18,2
Massas, biscoito e panificação	14,1	22,5	18,7	14,4	14,8
Frigoríficos	23,7	13,5	16,3	17,3	13,1
Varejistas	3,2	3,8	2,7	3,8	11,2

Gerais	11,5	5,1	8,9	3,4	6,5
Outras fecularias	2,9	2,9	5,1	6,4	5,1
Indústria química	3,4	3,8	2,6	2,9	2,3
Indústria têxtil	4,9	3,8	2,2	2,3	1,1

Fonte: Cepea-Esalq/USP (2012).

A exemplo da produção de fécula, o *ranking* regional de consumo do produto também não teve alteração em 2011. O Sudeste seguiu como principal destino das vendas das fecularias, absorvendo 36,5% do total, seguido pelo Sul (33,5% do total), Centro-Oeste (18,4%), Nordeste (9%) e Norte (2,6%) (Figura 6).

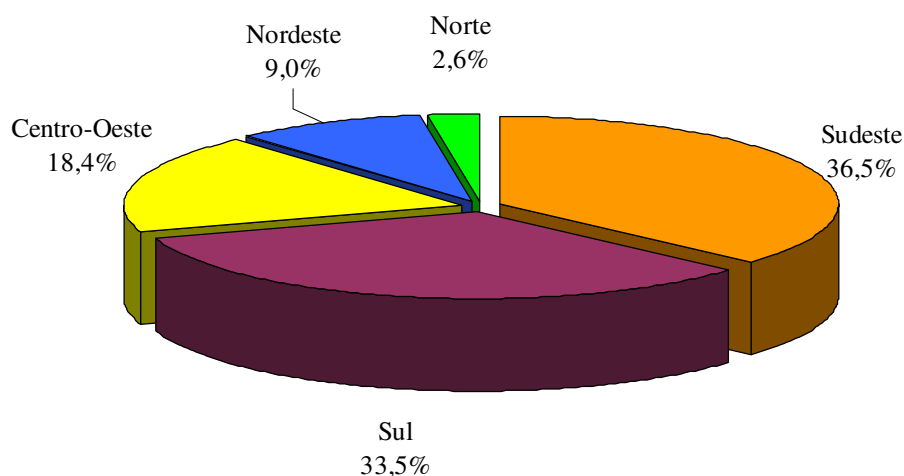


Figura 6. Participação das regiões brasileiras no consumo de fécula de mandioca em 2011.

Fonte: Cepea-Esalq/USP (2012).

Em 2011, o Paraná foi o principal destino das vendas de fécula de mandioca, absorvendo 22,3% do total. Outros estados relevantes como destino das vendas em 2011 foram: São Paulo (20% do total), Minas Gerais (14,5%), Santa Catarina (9,2%), Goiás (6,7%), Mato Grosso do Sul (6%), Distrito Federal (4,9%) e Piauí (4,5%). Outros 12 estados também foram destinos das vendas de fécula no período (Figura 7).

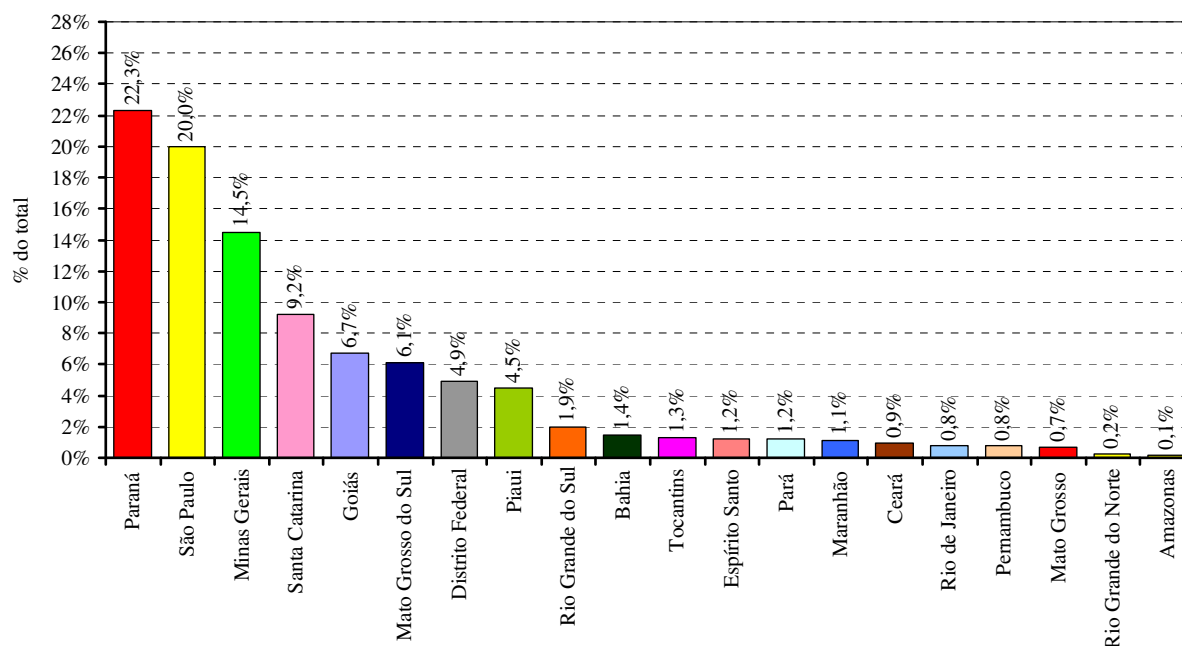


Figura 7 – Principais estados consumidores de fécula em 2011.
 Fonte: Cepea-Esalq/USP (2012).

PERSPECTIVAS PARA 2012

A área cultivada com mandioca aumentou na safra 2011/12, o que tenderia a elevar a oferta em 2012. Porém, em algumas praças, a produção de mandioca já sinaliza diminuição, devido ao clima desfavorável que prejudicou o desenvolvimento das lavouras.

Para a temporada 2012/13, agentes de mercado consultados pelo Cepea apontam que a área a ser plantada pode diminuir, devido ao aumento expressivo nos custos de produção em algumas áreas e à menor oferta de terra para arrendamento. A rentabilidade do setor de grãos, em especial, também deve influenciar na decisão de plantio de mandioca.

Quanto à produção de fécula, dados do Cepea apontam que a quantidade produzida no primeiro trimestre deste ano foi 12% inferior à de 2011. Além disso, em maio a produção seguiu abaixo do registrado em anos anteriores, e para junho os agentes do setor apontam para nova queda. Desse modo, agentes colaboradores sinalizam expectativas de que a produção seja ao redor de 535 mil toneladas em 2012, o que representaria ligeiro acréscimo de 3% sobre 2011, fundamentados na quantidade produzida no Paraná e em São Paulo (Figura 8).

A instabilidade nos preços da fécula de mandioca deve continuar exercendo influência na demanda pelo produto. Entretanto, a maior oferta de crédito na economia poderá aquecer o consumo de fécula de mandioca por parte de alguns setores. Vale observar que, nos primeiros meses de 2012, apesar dos preços menores da fécula, o amido de milho ainda tem sido mais competitivo que a fécula de mandioca em alguns segmentos.

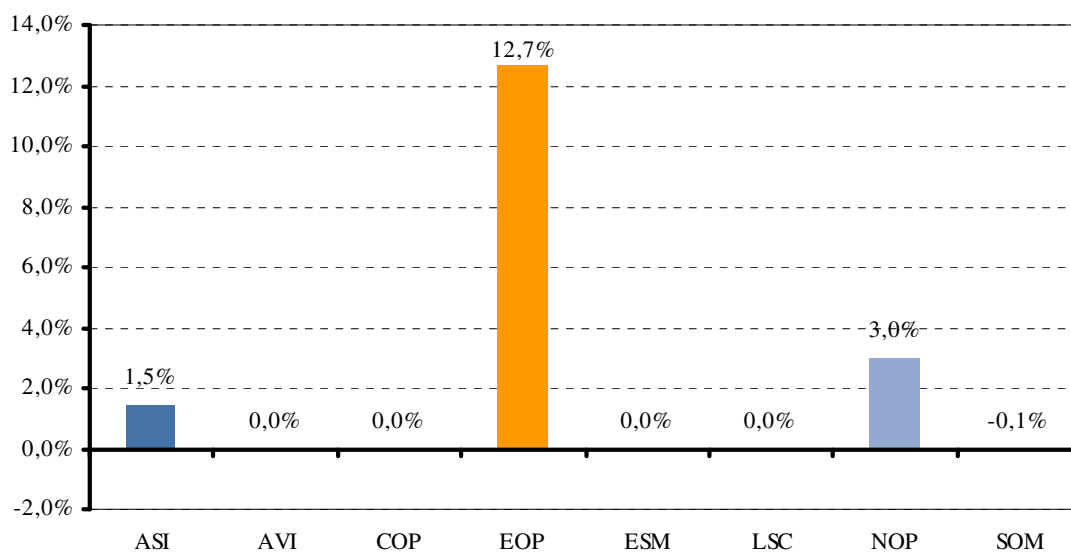


Figura 8. Variação da produção de fécula esperada para 2012 em relação a 2011.
Fonte: Cepea-Esalq/USP (2012).